

Elaboração do Imaginário das Vivências Yanomami na revista Sumaúma¹

Suianne SOUZA²

Nicoli TASSIS³

João DAMÁSIO⁴

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

A pesquisa investiga como é elaborado o imaginário das vivências Yanomami na circulação de narrativas sensíveis sobre suas lutas, veiculadas pela revista independente Sumaúma. Parte-se da ideia de que narrativas elaboram imaginários e ajudam a compreender realidades outras. A base teórica apoia-se em autores como Davi Kopenawa, Paul Ricoeur, Georges Didi-Huberman e Ana Paula da Rosa, para refletir sobre a circulação. A metodologia parte da elaboração de pranchas de imagens, inspiradas em Aby Warburg. Nas pranchas identificamos diálogos imagéticos da alteridade como a dor da perda, a violência na ausência de rituais funerários e o lugar ético do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Yanomami; Jornalismo; Imaginário; Imagens; Alteridade.

CORPO DO TEXTO

Neste trabalho consideramos que a elaboração de sentidos e símbolos é resultado de um processo de circulação de narrativas (Rosa, 2017). De tal modo, nos aprofundamos no estudo sobre a elaboração de imaginários a partir da circulação de narrativas sensíveis sobre as lutas dos povos Yanomami, em específico narrativas produzidas e veiculadas pela revista independente Sumaúma. Iniciamos nossa análise reconhecendo que a trajetória do povo Yanomami é marcada por problemas sociais (Kopenawa, 2015) que foram intensificados desde a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2019. Como objeto de estudo identificamos a revista Sumaúma como um veículo de jornalismo independente que se propõe a narrar os sujeitos de forma ética.

Assim, identificamos a narrativa como uma parte essencial para a elaboração da identidade, uma vez que por meio dela o “si mesmo” se reconhece em meio às mudanças no tempo (Ricoeur, 1990). Ainda segundo Ricoeur, a relação com o outro desempenha um papel crucial na formação da identidade e exige a responsabilidade ética de reconhecimento. Portanto, devemos evitar explicar o outro por meio de categorias e

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação no Centro Universitário FAESA, realizado de 01 a 05 de setembro de 2023.

² Estudante do curso de Jornalismo da FAGED-UFU, e-mail: suiannesouza.estudos@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da FAGED-UFU, email: nicolitassis@gmail.com

⁴ Co-orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAGED-UFU, email: joaodamasio16@gmail.com

adotar uma postura de compreensão que respeite a complexidade e singularidade de cada indivíduo.

Elegendo o campo visual como espaço de questionamento, reconhecemos que as imagens tem a capacidade de testemunhar e preservar histórias que resistem ao esquecimento (Sontag, 2003), ao mesmo tempo em que abrem espaço para múltiplas interpretações que revelam aspectos além daquilo que é visível (Didi-Huberman, 2020). Nesse sentido, metodologicamente, empregamos a experiência de montagem de pranchas de imagens, inspiradas no Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, com objetivo de revelar conexões e significados latentes entre imagens acionadas pelas narrativas e imagens que emergem ou ressoam em outros tempos e contextos. Esse método permite analisar padrões iconográficos e narrativos na elaboração do imaginário.

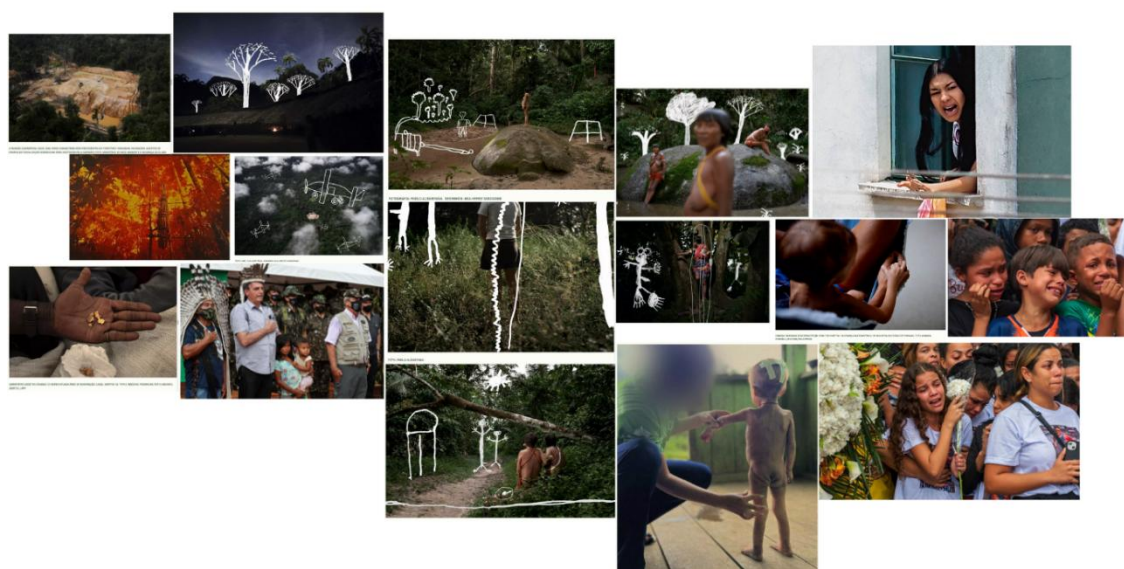
Nosso estudo usa as pranchas de imagens para analisar as narrativas sensíveis sobre os Yanomami a partir das publicações realizadas pela Sumaúma. Inicialmente a pesquisa exploratória identificou por meio da busca do termo “Yanomami”, no portal da Sumaúma, 46 publicações realizadas entre 2022 e 2025, as publicações por sua vez foram catalogadas com base em data, autoria, editoria, título e link de acesso. Contudo, dado o extenso corpus para a análise final, foram selecionadas quatro reportagens que melhor representavam a humanização dos Yanomami seja textual ou imagetivamente, com o cuidado de selecionar uma reportagem de cada ano dentro do período analisado de modo a garantir diferentes recortes temporais, além de serem reportagens de diferentes autores o que proporciona uma maior diversidade de perspectivas. A análise dessas materialidades busca então compreender como narrativas sensíveis e comprometidas com o olhar sobre o outro elaboram o imaginário das vivências do povo Yanomami.

É importante ressaltar que ao realizar a análise por meio da elaboração de pranchas de imagens reconhecendo que são mobilizadas imagens das narrativas e imagens que emergem a partir destas as pranchas apresentadas neste artigo são resultado de um imaginário mobilizado pelos autores. De tal modo, este trabalho não pretende esgotar todas as discussões, mas contribuir para o debate sobre a elaboração do imaginário de pessoas em situação de vulnerabilidade, no caso o povo Yanomami.

No primeiro texto observado “Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?”, de Talita Bedinelli (2022), é latente a sua abordagem ética ao denunciar as violências sofridas pelas mulheres Yanomami, como estupro e exploração

sexual, no contexto da invasão garimpeira. A autora prioriza a escuta ativa das mulheres, evitando o sensacionalismo e promovendo empatia com o leitor por meio de relatos cotidianos e elementos culturais. A partir da narrativa articulamos na Prancha 1: A dor da perda, diferentes imaginários sociais que são mobilizadas por Bedinelli (2022) na publicação, ao abordar temas como tráfico, violência de gênero e política, conectando o caso Yanomami a outras imagens de violência amplamente difundidas, como o Caso Eloá que foi amplamente divulgado e se relaciona com a questão da violência contra a mulher, ou ainda o enterro de Thiago Menezes que se relaciona com a dor da perda de uma criança para uma família e uma comunidade, assim como acontece com os Yanomami retratados por Talita.

Prancha 1: A dor da perda

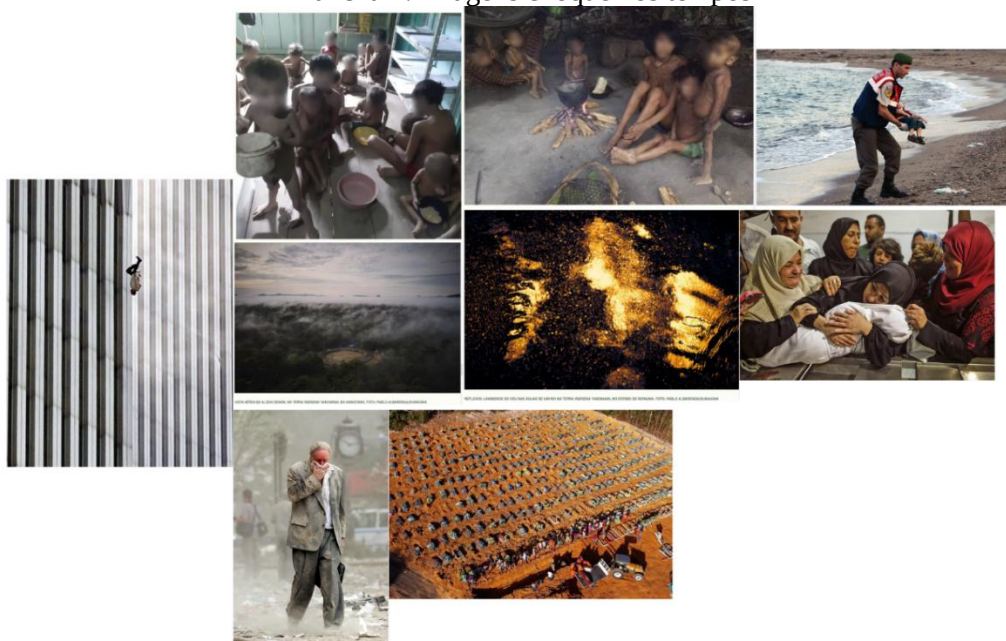


Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Já o texto “Como alcançar o céu Yanomami se a imagem capturada está disseminada na internet?”, escrito por Hanna Limulja (2023), discute os dilemas éticos do jornalismo ao retratar o genocídio Yanomami sem violar sua cosmologia. A autora problematiza o uso de imagens de mortos, que para os Yanomami impedem o fim do luto e a passagem ao "céu", configurando uma violência simbólica. Limulja constrói uma narrativa sensível colocando os Yanomami no centro da história e aproximando o leitor

por meio de paralelos com tragédias como a ditadura militar e Brumadinho. Sob essa ótica, elaboramos a Prancha 2: Imagens choque nos tempos que tensiona essas relações, observando os espaços temporais e culturais do caso Yanomami com outras tragédias globais, como o 11 de setembro, a Guerra da Palestina e a pandemia, revelando como diferentes contextos compartilham estéticas de dor e impacto simbólico.

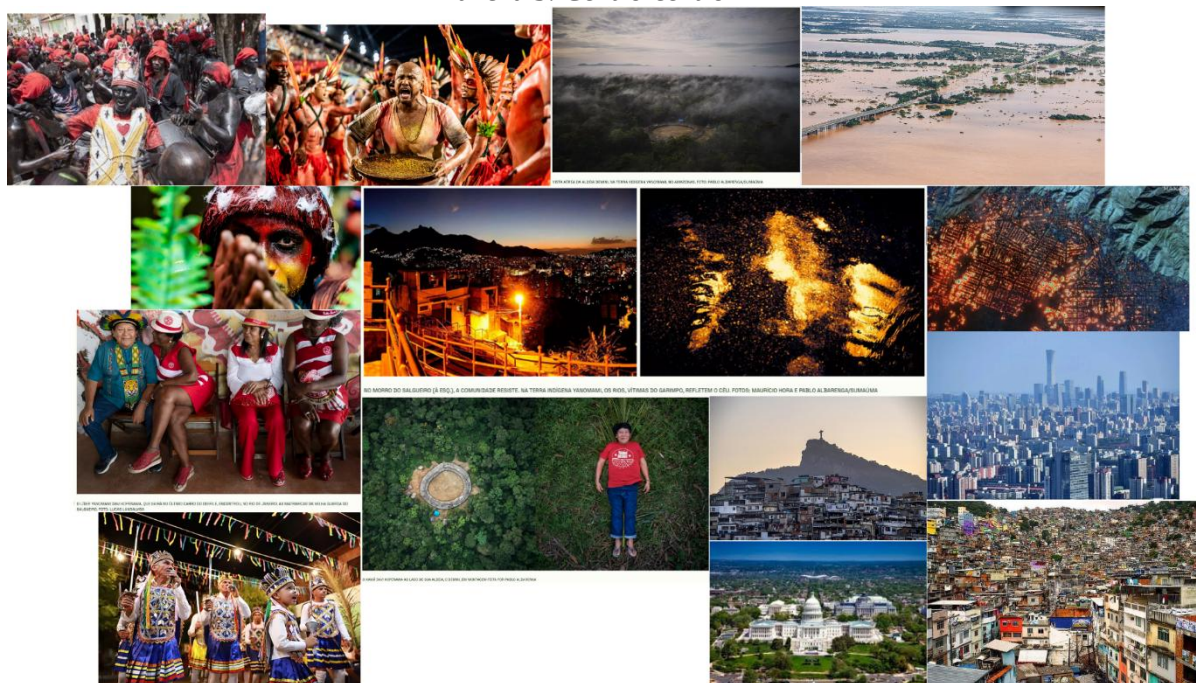
Prancha 2: Imagens choque nos tempos



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Seguimos então para a análise do texto “Carnaval 2024: Conexão Centro-Centro”. Nesta publicação, a autora Eliane Brum (2024) constrói uma narrativa ética e crítica que articula resistência e genocídio, ao explorar as interseções entre a cultura Yanomami e a população negra brasileira. A autora destaca como o enredo da escola de samba Salgueiro trouxe a crise Yanomami ao debate público, fazendo uma analogia entre o *reahu* (ritual fúnebre Yanomami) e o Carnaval, ambos sendo espaços de resistência à violência e ao silenciamento. Brum leva o leitor a reconhecer conexões culturais entre grupos marginalizados e a importância das tradições e festas como formas de afirmação da vida. Nesse sentido, propomos a elaboração da Prancha 3: Centro-centro que conecta o carnaval, o garimpo na Terra Yanomami e manifestações culturais brasileiras como a festa de Lambe-Sujo e o Caboclinho, além de destacar questões sobre o poder, a resistência e os impactos climáticos dos modos de vida capitalista.

Prancha 3: Centro-centro



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Por fim, a reportagem “Álcool, drogas, dinheiro: o coquetel de 'civilização' que resultou no assassinato de uma mulher do povo Baré por jovens Yanomami”, de Rafael Moro (2025), analisa as consequências do contato dos Yanomami com a sociedade não indígena, abordando a influência do *narcogarimpo*, o consumo de substâncias e o acesso descontrolado à tecnologia e pornografia. A narrativa descreve o feminicídio de Rosimar Santos, indígena Baré, como reflexo da desestruturação social causada pelo abandono estatal e pela marginalização dos jovens Yanomami. Embora Moro adote uma estrutura jornalística tradicional, com objetividade e fatualidade, sua abordagem não atinge o mesmo caráter humanitário visto nos outros textos, apesar de tentativas de aproximação por meio das descrições da vida de Rosimar. As imagens que acompanham a reportagem reforçam o caráter trágico e a denúncia, mas podem perpetuar estereótipos sobre violência e desestruturação indígena.

Assim, a Prancha 4: A narrativa ética do fazer jornalístico reflete esses aspectos, conectando a crise humanitária Yanomami a casos de violência de gênero e vulnerabilidade social, como o caso de violência de Mariana Ferrer e imagens sobre golpes sofridos por pessoas em situação de vulnerabilidade como o caso de Érica Souza.

Na prancha são ainda mobilizadas imagens que refletem o aspecto da factualidade alinhada a uma abordagem jornalística mais objetiva adotada por Moro que também são abordadas por grandes veículos jornalísticos como o uso de artes e montagens que mostram documentos do caso apresentado ou ainda o próprio enquadramento das imagens.

Prancha 4: A narrativa ética no fazer jornalístico



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Reconhecemos no processo de elaboração destas pranchas a importância do registro das imagens e narrativas publicadas pela Sumaúma como parte da elaboração do imaginário das vivências e preservação de suas histórias (Sontag, 2003). É importante ainda destacar como tais imagens contribuem para a elaboração de sentido através dos tempos (Didi-Huberman, 2020), por exemplo no momento em que correlacionamos nas pranchas imagens do Caso Eloá com a violência sofrida por mulheres Yanomami. Vale ainda destacar como circulação de tais imagens não só na publicação da revista Sumaúma, mas também em outros veículos, como é o caso das imagens discutidas no texto de Limulja (2023), contribuem para a elaboração das pranchas neste trabalho (Rosa, 2017).

A partir das análises das materialidades resumidas neste artigo, se tornou evidente ao longo da pesquisa que as narrativas da revista *Sumaúma* respeitam a cosmologia, a

cultura e as experiências do povo Yanomami, mesmo a narrativa de Moro que apresenta esses elementos de forma subjetiva. É importante destacar que identificamos essa abordagem como um traço editorial da Sumaúma, a isso identificamos como um fazer narrativo ético, ao reconhecer o outro e o narrar evitando categorias e estereótipos (Ricoeur, 1990). Esse fazer jornalístico se sustenta pela importância e relevância que a Sumaúma dá ao ato de ouvir o outro e se aproximar do seu lugar para então narrá-lo, como propõe Ricoeur (1990). Identificamos que essa aproximação da Sumaúma e seus autores com o lugar do outro são fundamentais para evitar a redução das histórias e do imaginário Yanomami a estereótipos e imagens cristalizadas.

No processo de elaboração das pranchas de imagens as imagens, analisadas à luz de Didi-Huberman (2020), Ana Paula da Rosa (2019) e outros autores, evidenciam a relevância de imagens de questões Yanomami e de outras que ultrapassam essas primeiras para a elaboração do imaginário sobre esse povo, ainda que isso entre em choque com sua cultura. Nesse sentido, a reportagem de Limulja e a obra “A queda do céu”, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), foram essenciais para compreender que a elaboração desse imaginário deve considerar as dimensões espiritual, cultural e política que regem as experiências Yanomami. Assim, a partir da aproximação de como é elaborado o imaginário Yanomami a partir de suas vivências, emergem outras questões que não buscamos responder aqui: como elaborar esse imaginário sem causar uma violência contra a cultura desse povo que preza pelo uso sagrado de suas imagens?

De tal modo, reconhecemos que as representações visuais e narrativas podem atuar tanto como mecanismos de resistência e empatia quanto como instrumentos de silenciamento e violência. Encontramos na Sumaúma narrativas que respeitam as formas de ser e viver Yanomami, ao preservar sua cosmologia e os colocar como protagonistas. Por fim, este trabalho não busca encerrar o debate, mas contribuir para a discussão acerca da elaboração do imaginário do povo Yanomami por meio de narrativas jornalísticas comprometidas com a ética do olhar e o reconhecimento do outro ao identificar que as narrativas sobre o povo Yanomami devem ser contadas de forma sensível, cuidadosa e respeitosa. Tal abordagem é essencial não apenas para visibilizar as lutas desse povo, mas também para garantir que sua existência e suas culturas sejam compreendidas em sua complexidade e dignidade.

REFERÊNCIAS

- BEDINELLI, Talita. Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami?. **Portal Sumaúma**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- BRUM, Eliane. Carnaval 2024: conexão centro-centro. [S. l.: s. n.], 2024. **Portal da Sumaúma**. Disponível em: <https://sumauma.com/carnaval-2024-conexao-centro-centro/>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- DAMASIO, João. Pranchas de imagens em circulação: explorando as iconicidades do imaginário na midiaticização. In: **Experimentações metodológicas em circulação, imagem e midiaticização (no prelo)**. São Leopoldo: Unisinos, 2025.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2020.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LIMULJA, Hanna. Como alcançar o céu Yanomami se a imagem capturada está disseminada na internet?. [S. l.: s. n.], 2023. **Portal Sumaúma**. Disponível em: <https://sumauma.com/ceu-yanomami-imagem-hutu-mosi-hanna-limulja/>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- MORO, Rafael. Álcool, drogas, dinheiro: o coquetel de ‘civilização’ que resultou no assassinato de uma mulher do povo Baré por jovens Yanomami. [S. l.: s. n.], 2025. **Portal da Sumaúma**. Disponível em: <https://sumauma.com/alcool-drogas-dinheiro-o-coquetel-de-civilizacao-que-resultou-no-assassinato-de-uma-mulher-do-povo-bare-por-jovens-yanomami/>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1990.
- ROSA, A. P. Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Aylan Kurdi e sua constituição em totem. **Observatório**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 327–351, 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2936>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.